

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

FH já trata *da Presidência* da sucessão

Nada mais falso hoje em dia que a convicta cantilena dos partidos de que é cedo para falar em sucessão presidencial. Enquanto dizem que não, só pensam nisso, só tratam disso, só se movimentam para isso. Tanto o debate tomou a cena empurrado pelo tédio da repetição de um mandato presidencial que o próprio presidente Fernando Henrique Cardoso – antes um defensor da tese de que o assunto não era da sua conta – já anda externando opiniões a respeito.

A mais recente reza que a repetição da aliança governista no pleito de 2002 é fundamental. Sem ela, avalia o presidente, nenhum dos partidos que hoje lhe dão sustentação tem chance de chegar ao segundo turno. Fernando Henrique inclusive gostaria que o PMDB estivesse no acordo. Mas como esse desejo pode estar apenas compondo um jogo de cena para não afastar os pemedebistas enquanto seus votos ainda forem fundamentais no Congresso, o foco da discussão é mesmo a reedição da aliança de 1994, entre PSDB e PFL.

Daí a tucanagem não se confrontar com os pefelistas da forma como fazem com os pemedebistas. Os que dão expediente fora do Palácio do Planalto e da Esplanada dos Ministérios querem porque querem uma reforma ministerial para tirar o PMDB de cena. À exceção de Pimenta da Veiga, os *de dentro* aconselham que se esqueça o assunto e garantem que Fernando Henrique nem de longe pensa em comprar essa briga.

Pelas contas do presidente, hoje nem Ciro Gomes nem Luiz Inácio Lula da Silva seriam a representação daquela ameaça de deixar os donos de poder de fora do segundo turno da eleição. Ele pessoalmente não tem grande predileção pelo estilo do personagem, mas seus interlocutores de sucessão revelam que nessas conversas o nome do governador do Rio, Anthony Garotinho, surge como a possibilidade mais perigosa para um confronto.

Fernando Henrique, no entanto, não fez ainda nenhuma avaliação definitiva sobre o candidato que poderia encabeçar a aliança. Espalha entre amigos que o ministro José Serra é “candidatíssimo”. Frente a frente os dois não abordam o assunto. Até porque, quando FH não está, Serra vai logo avisando nessas rodas de conversa que tem horror ao tema pelo potencial de fritura que teria uma exposição dessas nessa altura. No máximo assume a candidatura ao governo de São Paulo.

Embora se permita fazer o desenho geral do que considera a estratégia ideal para 2002, antes do último ano de governo dificilmente o presidente se arriscará a dar cara e nome às suas predileções. Até porque no PSDB Mário Covas é dono da condição de candidato preferencial e o PFL está dividido entre a ala que não o engole e prefere Tasso Jereissati e aquela que, por uma estratégia com vistas à eleição municipal, insiste em que o partido terá candidato próprio.

Ou seja, sairá incinerado quem ousar agora entrar no terreno da nominação de preferências. E esta é a única verdade confiável nessa história de que ainda é cedo para discutir eleição presidencial.